

OBSTÁCULOS ILUSÓRIOS

HEIDI MAROTZ

Pernas. Nós corremos, esquiamos, escalamos montanhas e nadamos sem pensar muito a seu respeito.

Meu marido Scott usara suas pernas para conseguir bolsas de estudo através de campeonatos de esqui na faculdade e para chegar ao topo do Grand Tetons, em Jackson Hole, Wyoming.

Então, sem nenhum aviso, durante um mês de abril atipicamente quente, descobriu-se um tumor na espinha dorsal de Scott. Disseram-nos que a morte, ou a paralisia, poderia ser o resultado final.

Nossos filhos - Chase, Jillian e Hayden - variam em idade de sete a dois anos. Eles não entenderam realmente todas as "coisas ruins" que estavam acontecendo - mas foram os maiores torcedores e os melhores professores quando Scott descobriu que continuaria vivo, mas que estava paralisado do tórax para baixo. Os adultos, às vezes, ficam presos à imagem de como as coisas eram. Eu pensava sobre os acampamentos que nunca faríamos, as montanhas que Scott nunca escalaria e a neve recém-caída que ele nunca esquiaria com seus filhos.

Chase, Jillian e Hayden estavam muito ocupados com as coisas da vida para ficarem atolados no que seu pai não podia fazer. Ficavam de pé nas rodas da cadeira e gritavam de prazer enquanto ele apostava corridas em calmos corredores de hospital.

Os médicos disseram para preparar Scott para uma vida na cadeira de rodas, pois, se ele pensasse que iria andar de novo - e não poderia -, ficaria deprimido. As crianças não deram ouvidos aos médicos. Insistiam para que seu pai "tentasse ficar de pé". Eu ficava com medo de que Scott caísse. As crianças riem com ele quando ele caía e rolava na grama. Eu gritei, mas eles insistiram para que ele "tentasse novamente".

No meio de todas essas mudanças em nossas vidas, entrei para um curso de Desenho numa faculdade local. Durante uma semana, o instrutor nos disse que não podíamos desenhar coisas, mas apenas o espaço entre as coisas. Um dia, enquanto eu estava sentada debaixo de um enorme pinheiro desenhando o espaço entre os galhos, comecei a ver o mundo como Scott e as crianças o viam. Não vi os galhos como obstáculos que podiam impedir uma cadeira de rodas de atravessar o gramado, vi todos os espaços que permitiam a passagem de cadeiras de rodas, pessoas e até mesmo animais pequenos. Quando eu não estava me concentrando nos galhos - ou nos obstáculos da vida - adquiria uma nova visão de todos os espaços. Estranhamente, quer você desene os espaços ou os galhos, o desenho parece ser basicamente o mesmo. É a forma como você o vê que é diferente.

Quando passei a olhar os "espaços" junto com minha família, um novo mundo se abriu. Não era o mesmo - às vezes ficávamos frustrados -, mas era sempre compensador, pois estávamos trabalhando juntos. Conforme experimentávamos todas essas novas aventuras, Scott começou a ficar de pé

e a andar com a ajuda de uma bengala. Ele ainda não sente nada na parte inferior de seu corpo e nas pernas, não pode correr ou andar de bicicleta, mas desfruta de muitas experiências novas.

Aprendemos que você não precisa sentir as pernas para empinar uma pipa, jogar um jogo de tabuleiro, plantar uma árvore, boiar em um lago na montanha ou frequentar aulas. As pernas não são necessárias para abraçar, botar curativo em um corte ou acalmar alguém depois de um pesadelo.

Algumas pessoas vêem barreiras na estrada. Scott nos ensinou que barreiras são apenas desvios. Algumas pessoas vêem galhos: Scott e as crianças vêem espaços abertos, grandes o suficiente para que todo o amor e esperança que cabem no coração possam passar.

Nós apreciamos o calor porque já sentimos frio. Apreciamos a luz porque já estivemos no escuro. Como prova do que digo, podemos experimentar a felicidade porque já conhecemos a tristeza.

DAVID L. WEATHERFORD